

JEAN-JACQUES E OS PEQUENOS TIRANOS: UMA LEITURA DO CONTO *FERNANDO FURIOSO* E OUTROS RELATOS DE INFÂNCIAS PETULANTES À LUZ DO PENSAMENTO ROUSSEAUNIANO

Franklin Jhonatan Barreto Ordóñez¹

Genessi Borba Gomes Alves Santos²

Resumo: Este artigo propõe uma análise comparativa de caráter pedagógico-literário entre dois episódios do livro “Emílio ou Da Educação” (adaptados para este estudo e denominados “O Menino Quebra-Vidros” e “O Soberbo Passeante”), do escritor genebrino Jean-Jacques Rousseau, e o conto “Fernando Furioso”, dos autores Hiawym Oram e Satoshi Kitamura. À luz das máximas rousseaunianas, expostas nas ideias e nos métodos do preceptor Jean-Jacques, explora-se o comportamento dos personagens dos diferentes relatos, considerando conceitos-chave do pensamento de Rousseau, como autoridade, disciplina e obediência, e enfocando, por sua vez, a tensão entre o desejo de poder individual e a possibilidade de estabelecer harmonia nos espaços sociais e familiares. No decorrer da discussão, o artigo destaca como os relatos oferecem uma visão das consequências da imposição da própria vontade sobre os outros e aponta para a importância de uma reflexão crítica sobre as relações de poder que ocorrem na formação e educação das crianças.

Palavras-chave: Autoridade. Disciplina. Obediência. Emílio ou Da educação. Fernando Furioso.

Abstract: This article proposes a comparative analysis of a pedagogical-literary nature between two episodes from the book "Emile, or On Education" (adapted for this study and referred to as "The Boy Who Broke Glass" and "The Proud Walker"), by the Genevan writer Jean-Jacques Rousseau, and the tale "Furious Fernando," by authors Hiawym Oram and Satoshi Kitamura. In light of Rousseau's maxims, presented in the ideas and methods of the tutor Jean-Jacques, the behavior of the characters in the different narratives is explored, considering key concepts of Rousseau's thought, such as authority, discipline, and obedience, while also focusing on the tension between the desire for individual power and the possibility of establishing harmony in social and familial spaces. Throughout the discussion, the article highlights how the narratives provide insight into the consequences of imposing one's will on others and points to the importance of critical reflection on the power relations that occur in the upbringing and education of children.

Keywords: Authority. Discipline. Obedience. Emile or On Education. Furious Fernando.

Introdução

É muito estranho que, desde que se trata de educar crianças, não se tenha imaginado outro instrumento para guiá-las senão o da emulação, do ciúme, da inveja, da vaidade, da avidez, do temor vil, o de todas

¹ Doutorando em Educação pelo PPGE-FE-UFG, bolsista CAPES/GCUB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas PHILOCULT, do Grupo de Estudos Ibero-americanos em Rousseau (GEI-Rousseau), e do Grupo Literatura, memórias e testemunhos de uma realidade (UFG). Professor vinculado à Secretaria de Educação do Distrito de Medellín (Colômbia) - E-mail: franklin.barreto@discente.ufg.br

² Doutoranda em Educação pelo PPGE-FE-UFG - E-mail: genessiborba@discente.ufg.br

as paixões mais perigosas, mais rapidamente fermentáveis, mais próprias a corromperem a alma, já antes do corpo se achar formado.
(Rousseau, 1995, p. 77)

Este artigo propõe uma análise comparativa de caráter pedagógico-literário entre dois episódios do livro *Emílio ou Da Educação* (1762) (adaptados e transformados em forma de contos para este estudo e denominados “O Menino Quebra-Vidros” e “O Soberbo Passeante”), do escritor genebrino Jean-Jacques Rousseau, e o conto *Fernando Furioso* (1982), dos autores Hiawym Oram³ e Satoshi Kitamura⁴. Os relatos “O Menino Quebra-Vidros” e “O Soberbo Passeante” são adaptações literárias dos episódios que aparecem no Livro II do *Emílio* que, quando combinados com a história de Fernando, e considerando as ideias e os métodos do preceptor Jean-Jacques, estabelecem um cenário de análise e discussão em torno de questões relacionadas à autoridade, disciplina e obediência, ao mesmo tempo em que inauguram um espaço de reflexão crítica sobre as relações de poder que ocorrem na formação e educação das crianças.

Na tentativa de estabelecer um paralelo entre literatura e pedagogia, optamos pela seleção e análise de obras literárias que se distanciam na linha do tempo (1762-1982) e que, apesar da considerável distância histórica que as separa, conseguem estabelecer um diálogo significativo em relação aos processos formativos dos indivíduos. Com base no exposto, estabelece-se um desafio dialógico entre a sempre vigente perspectiva educacional de Jean-Jacques Rousseau e a produção da literatura infantil contemporânea, na qual são recriadas experiências de reflexão e aprendizado em contextos como a escola e o lar. Procede-se, portanto, a pensar e discutir as possíveis interações que podem ocorrer entre o tutor Jean-Jacques e os personagens dos relatos, entendendo que os elementos históricos, sociais e culturais que servem de andaime para o conteúdo literário obedecem a diferentes naturezas,

³ Hiawyn Oram (Joanesburgo - 28/09/1946) é uma autora da África do Sul conhecida por seu trabalho no campo da literatura infantil. Ela escreveu vários livros para crianças e jovens, nos quais explora a natureza humana e as relações interpessoais de uma forma acessível aos jovens leitores. Alguns dos mais conhecidos são “Reckless Ruby”, “Angry Arthur” (Fernando Furioso), “Not-So-Grizzly Bear Stories” e “The Second Princess”.

⁴ Satoshi Kitamura (Tóquio - 11/06/1956) é um ilustrador japonês de livros infantis. Seu renome no campo da ilustração se deve às perspectivas, às cores marcantes, à atenção aos detalhes e aos personagens característicos que compõem cada uma de suas obras. Em 1983, ele recebeu o prêmio Mother Goose de melhor ilustrador novo na Grã-Bretanha por seu trabalho “Angry Arthur” (Fernando Furioso).

e que o fio condutor da análise que atravessa épocas e propostas formativas se dirige a um ponto de convergência em que as máximas do filósofo genebrino permitem uma revisão crítica das práticas atuais de criação, fato que ressalta a relevância e atualidade da obra de Rousseau.

O exercício de explorar esses três relatos facilita, então, a abertura de uma janela para uma compreensão mais profunda dos personagens, da dinâmica e das situações envolvidas em suas ações, das ideias que nos convidam a olhar atentamente para aspectos relacionados à natureza humana, aos valores éticos e aos dilemas morais que frequentemente se manifestam nos processos formativos. Nesse sentido, o relato “O Menino Quebra-Vidros” nos convida a pensar sobre o desenvolvimento dos processos de consciência com base no equilíbrio que se estabelece entre autoridade e responsabilidade, enquanto a história “O Soberbo Passeante” destaca a importância da obediência com base na compreensão mútua, no respeito e na importância da orientação durante a infância. Por sua vez, “Fernando Furioso” mostra, ao contrário, as consequências das práticas de criação, com uma evidente ausência de disciplina e orientação mínima que pode contribuir para o gerenciamento das emoções.

A leitura crítica dessas histórias nos permite ampliar a discussão em torno de conceitos-chave na formação das crianças: autoridade, disciplina e obediência e, a partir do enfoque pedagógico literário, aprofundar a constituição do caráter, o crescimento integral, a tomada de decisões conscientes e responsáveis, a reflexão sobre os atos e o comportamento dos indivíduos. As interações entre Jean-Jacques e as crianças nas histórias são trazidas ao cenário de análise para observar como a autoridade, vista de um ângulo formativo, pode orientá-las a exercer sua liberdade de forma ética, convidando-as a considerar o impacto de suas ações em contextos sociais. Essa ideia de autoridade está ligada à emancipação que potencializa o processo formativo do indivíduo, o que lhe permite tomar decisões autônomas e bem fundamentadas, apoiadas no mundo moral que constitui seu pensamento e seu modo de proceder.

Da mesma forma, a disciplina é assumida como um conceito vital para estabelecer limites e chegar a acordos que garantam a convivência adequada, o que implica um

compromisso com processos empáticos e reflexivos que integrem o diálogo e a compreensão das experiências, evitando recorrer a procedimentos punitivos ou autoritários. As ideias e os métodos de Jean-Jacques expressam esse conceito de disciplina baseado na moral e na razão, que ressignifica as facetas instrutiva, punitiva e corretiva. Nesse contexto, a obediência se torna um aspecto consciente e autônomo no qual o indivíduo, após um exercício de discernimento, faz sua escolha e expressa sua posição com base na legitimidade da autoridade e no bem coletivo ao qual ele adere.

Essas são as coordenadas para a navegação pedagógica literária pelos relatos selecionados neste estudo, que visam orientar, na análise da aprendizagem prática, a formação gradual e o desenvolvimento do pensamento crítico que contempla a razão como uma luz que orienta as ações e os processos reflexivos que são gerados na liberdade e na autonomia. À medida que percorre as linhas deste artigo, o leitor encontrará uma primeira seção intitulada Literatura e pedagogia: três relatos sob a ótica rousseuniana, seguida de outra seção em que é feito um exercício comparativo e dialógico entre os elementos substanciais das histórias e uma análise orientada pelos conceitos de autoridade, disciplina e obediência na obra de Rousseau. Por fim, são apresentadas algumas considerações em que o processo formativo é assumido como uma prática de liberdade atravessada por experiências de aprendizado e reflexão que estimulam a transformação dos indivíduos e de suas realidades.

Literatura e pedagogia: três relatos sob a ótica Rousseuniana

*A natureza fez as crianças para serem amadas e socorridas;
fê-las porventura para serem obedecidas e temidas?*
(Rousseau, 1995, p. 72)

O Menino Quebra-Vidros

Esta é a história de uma criança que gostava de quebrar os móveis e os vidros que tinha em casa. Jean-Jacques, seu tutor, tentou resolver a situação tirando de seu alcance qualquer objeto que pudesse quebrar. No entanto, o menino quebra-vidros sempre encontrava uma maneira de quebrar alguma

coisa. Um dia, quando olhou ao redor de seu quarto e não encontrou nada para quebrar, ele gritou para que todos na casa ouvissem:

- Vou quebrar as janelas do quarto!

- Você deve saber, disse-lhe Jean-Jacques, sem se deixar abater, que se você as quebrar, eu não as trocarei, então o vento frio virá e você terá noites terríveis.

Depois que as janelas foram quebradas, Jean-Jacques, fiel à sua palavra, deixou o vento soprar livremente dentro do quarto, dia e noite, sem se preocupar com isso. Ele não reclamou das travessuras do garoto, simplesmente deixou que ele experimentasse as consequências de suas ações. Depois de um tempo, o preceptor decidiu colocar novos vidros nas janelas da sala. Em resposta, o garoto ameaçou quebrá-las novamente, então o preceptor, mudando o método, disse a ele: Os vidros dessas janelas são minha responsabilidade. Eles foram instalados novamente sob meus cuidados e, portanto, eu os protegerei. Dito isso, a criança foi levada para um quarto escuro sem janelas. Lá ele permaneceu por um longo tempo, chorando e lamentando sua situação.

- Ajudem-me! Ajudem-me! Tirem-me daqui! Estou tão cansado - gritava ele sem ser ouvido.

Um dia, um criado se aproximou do quarto e o garoto, sentindo-o, implorou para ser libertado.

- Como Jean-Jacques, eu também tenho cristais que preciso manter em segurança - disse o criado e saiu.

Então, alguém se aproximou da sala onde o rapaz estava e sugeriu que ele propusesse um acordo ao preceptor. Quando Jean-Jacques chegou à sala, o menino quebra-vidros lhe disse:

- Solte-me e eu prometo nunca mais quebrar vidros.

- Muito bem pensado, disse o preceptor, dessa forma, nós dois ganharemos, os móveis da casa estarão seguros e em ordem e você poderá voltar às suas atividades. Por que você não teve essa ideia antes?

Finalmente, o preceptor abraçou e beijou o menino e o levou de volta para seu quarto. O rapaz aprendeu a lição do compromisso, reconhecendo em sua promessa algo sagrado e inviolável. Ele ficou feliz por ter recuperado sua liberdade e nunca mais quebrou os vidros das janelas ou os móveis da casa (Adaptado de Rousseau, 1995, p. 88).

O caso do Menino Quebra-Vidros

Nesse relato, o preceptor Jean-Jacques se depara com um desafio formativo que revela uma série de interações destinadas a ativar processos reflexivos baseados em uma



Retrato de um jovem, de corpo inteiro, vestindo um casaco cinzento. Escola Holandesa, século XVIII. Óleo sobre tela. Disponível em: <https://acortar.link/d4y2GN>

Figura 1

avaliação profunda do comportamento da criança. A principal indicação que Jean-Jacques dá, antes de começar a história, é lembrar que "no caminho das ideias morais não se pode avançar demasiado lentamente, nem muito bem se firmar a cada passo" (Rousseau, 1995, p. 88), e que nos processos formativos vale muito mais ensinar com ações do que com palavras, pois "as crianças esquecem mais facilmente o que se lhes diz, ou o que dizem, do que o que fazem ou o que lhe fazem" (Rousseau, 1995, p. 88).

Ao avaliar o método implementado para lidar com essa situação, é possível observar que Jean-Jacques não pretende se desgastar repreendendo a criança pelo que ela fez, mas permite que as consequências naturais de suas ações lhe ensinem lições valiosas. Os móveis quebrados se tornam uma oportunidade de reflexão e aprendizado, enquanto a privação e o vento frio que sopra pelas janelas quebradas estimulam a autorreflexão sobre o cuidado com os bens comuns e o impacto do comportamento no bem-estar que rege os espaços da casa.

Na sequência do relato, o preceptor orienta a criança para um acordo que beneficie as partes envolvidas, mostrando-lhe, assim, o valor do compromisso e da responsabilidade, tudo dentro da iniciativa de educar pela razão, já que "fazer um homem razoável" (Rousseau, 1995, p. 74) deve ser o objetivo do processo formativo. O exposto acima garante que, a partir das experiências, da reflexão e do diálogo, a criança inicie sua jornada pelos caminhos da razão, desconsiderando o uso de conceitos ou expressões incompreensíveis para sua idade, que acabam por habituá-la a "jogar com as palavras, a controlar tudo o que lhe dizem, a se acreditar tão sábia quanto seu mestre, a se tornar discutidora e enfezada" (Rousseau, 1995, p. 74), e, em vez disso, priorizar o uso de exemplos e ações que mobilizem em suas mentes constantes reflexões sobre seu comportamento e sobre como se posicionar na esfera social.

Da mesma forma, no relato "O menino quebra-vidros" é abordada uma situação formativa tensionada por conceitos como autoridade e obediência, na qual as máximas rousseauianas iluminam um processo de conscientização, de avaliação dos atos e da forma como, por meio da razão, é possível compreender os limites das ações e garantir acordos que exigem responsabilidade e compromisso. Jean-Jacques ressalta a importância da autoridade da razão na educação, pois é por meio dela que a criança pode ser direcionada para uma formação integral, adequada às suas necessidades de aprendizagem e aos processos de

sociabilidade, e, sem ela, a criança pode se tornar um ser carente de instrução, sem uma orientação válida para refletir sobre suas ações (Rousseau, 1995, p. 280).

No choque de opiniões que se gera do desejo da criança de impor sua própria vontade, desconsiderando assim a razão que orienta seu processo formativo, Jean-Jacques reconhece que ele encara “como um capricho qualquer vontade contrária à sua e cuja razão de ser não sentirá”, uma vez que “não sente a razão de nada em tudo que choca suas fantasias” (Rousseau, 1995, p. 77). É por essa razão que, ao estabelecer um princípio de autoridade sobre a criança, o preceptor procura fazer com que ela “sinta desde cedo sobre sua cabeça altiva o jugo que a natureza impõe ao homem” e “que veja essa necessidade nas coisas, nunca no capricho dos homens” (Rousseau, 1995, p. 76-77), ou seja, que saiba, aprenda e sinta que a ordem estabelecida pelos acordos sociais inclui um ritmo que deve ser respeitado para garantir a boa convivência entre os homens.

O relato destaca, portanto, a importância da autoridade dentro dos processos formativos, não em um sentido ditatorial e impositivo, mas na chave do diálogo e das ações que estendem um convite à reflexão sobre as próprias ações. De acordo com os preceitos de Jean-Jacques, nenhuma autoridade será suficientemente significativa se não se “assentar na estima da virtude” (Rousseau, 1995, p. 81). A autoridade, portanto, deve vir da razão, de experiências destinadas a gerar consciência e promover a tomada de decisões autônomas; a orientação e o direcionamento que emergem de suas diretrizes permitem que o indivíduo aprenda e cresça de forma responsável.

Com relação à disciplina, o preceptor considera que as crianças devem aprender a obedecer, mas não mecanicamente, não como autômatos, mas como sujeitos de razão que entendem, internalizam e participam das boas práticas. À luz dessa abordagem, no final da história, o menino quebrador de vidros propõe um acordo no qual se compromete a mudar seu comportamento, fato que mostra que, por meio da experiência, o personagem consegue entender as consequências naturais de suas ações, as repercussões de suas decisões. O acompanhamento de Jean-Jacques, que não é violento nem impositivo, favorece os vínculos afetivos ao optar por um isolamento preventivo, por meio do qual ele pretende garantir que o processo de conscientização e aprendizado se baseie na obediência, na compreensão e no

respeito. Sua abordagem formativa prioriza a razão, a paciência e o amor, rejeitando imposições autoritárias e permitindo que a criança cresça e se expresse autenticamente.

O Soberbo Passeante

O soberbo passeante, vestido com seda e fivelas douradas, caminha pelos dias de sua curta vida acreditando que todos ao seu redor devem obedecer às suas palavras e caprichos. Desde pequeno, sua mãe o fez acreditar nessas ideias, pois, na opinião dela, o herdeiro da família nunca poderia ser desagradado e tudo o que ele quisesse deveria ser feito sob seu comando. Jean-Jacques, um conhecedor desse tipo de criação, já havia percebido isso. Seus primeiros dias na casa do soberbo passeante não foram tão tranquilos quanto o preceptor esperava, pois ocorreu à criança que, depois da meia-noite, quando Jean-Jacques estava dormindo mais tranquilamente, ele tinha de acordar para acender a luz por causa de uma súbita “insônia”. Várias noites o mesmo episódio ocorreu, e Jean-Jacques, mantendo a calma o tempo todo, decidiu acender a luz, fato que agradou o pequeno tirano, e em seguida o levou para um quarto próximo, onde o deixou trancado a sete chaves, sem luz e sem objetos para quebrar. Foi grande a agitação que o menino fez quando se viu isolado na escuridão. No dia seguinte, quando a tempestade de gritos e choro já havia passado, o preceptor voltou ao quarto e viu o soberbo passeante dormindo. Sua mãe, ao saber que o menino havia passado a noite fora da cama, foi até o local para ver o que estava acontecendo, e o menino, vendo que estava protegido, fingiu estar doente.

- Você viu o que fez, o pobrezinho está queimando de febre e não consegue ficar em pé - disse a mãe em tom arrogante. Jean-Jacques, com total serenidade, esperou que a situação se acalmasse, sabendo que não ganharia nada discutindo com uma mãe teimosa e permissiva. Por sua vez, o menino sabia que aquele era o momento certo para se vingar e fingiu tossir sem parar, de modo que o médico foi chamado com urgência para verificar seu estado de saúde. O médico, lembrando-se de seu paciente hostil, deu uma piscadela para o preceptor e prescreveu uma dieta rigorosa, muito descanso e remédios amargos. Depois de alguns dias, o soberbo passeante entendeu que não havia nada a ganhar tentando manter o preceptor acordado à noite, e notou-se uma ligeira melhora em seu comportamento. Uma semana depois, Jean-Jacques quis convidá-lo para um passeio, mas o pequeno agitador, sem nem mesmo olhar para ele, recusou-se a sair de casa. No dia seguinte, exercendo sua vontade absoluta, ele ordenou ao preceptor que saísse imediatamente para uma caminhada no vilarejo. Jean-Jacques estava trabalhando em seu delicado álbum de botânica e, sem muita convicção, disse-lhe que não poderia ir passear com ele. Ao se sentir contrariado, o orgulhoso passeador pegou seu casaco e decidiu sair de casa sozinho.

- Se algo acontecer comigo, você será o único culpado - disse ele antes de abrir a porta.

Em sua caminhada pela vizinhança, o soberbo passeante encontrou pessoas de todos os tipos, algumas das quais lhe deram conselhos para não ir tão longe e voltar logo para casa, outras o insultaram e o fizeram sentir medo de estar ali sozinho, longe da proteção de sua família. Ao vê-lo tão abatido, um



Retrato de um rapaz, de corpo inteiro, vestindo um colete azul e um casaco castanho. Escola britânica, século XVIII. Óleo sobre tela. Formato: (114,3 x 78,8 cm). Disponível em: <https://acortar.link/j7aKBH>

Figura 2

andarilho, amigo de Jean-Jacques, que havia recebido a tarefa de segui-lo de perto, aproximou-se do menino e sugeriu que voltassem para casa juntos. Quando chegaram, o pai estava descendo as escadas e, percebendo que o soberbo passeante não estava na companhia do preceptor, exigiu uma explicação para sua excursão desafiadora.

- Quando quiser sair sozinho, pode fazê-lo, mas como não quero vagabundos em minha casa, você encontrará a porta trancada quando voltar - disse ele severamente.

Jean-Jacques não queria acrescentar mais repreensão ou humilhação a esse caso e, com total sinceridade, prometeu ao soberbo passeante que sairiam juntos novamente e, quando o fizeram, ele reconheceu no rosto do menino a felicidade de marchar ao lado de alguém que transmitisse segurança. Com o tempo, o soberbo passeante passou a entender o valor do respeito e da obediência e fez o possível para se comportar bem (Adaptado de Rousseau, 1995, p. 116-120).

O caso do Soberbo Passeante

No relato "O Soberbo Passeante", são exploradas as máximas rousseaunianas relacionadas à orientação formativa durante o desenvolvimento infantil, que geram uma tensão entre os conceitos de disciplina, autoridade, obediência, respeito e os processos de maturidade que tomam forma à luz da razão. Quando as crianças resistem à orientação, elas começam a ignorar a autoridade e a se opor à instrução, portanto, analisar esse tipo de criação, que sem dúvida forjou um estrategista de manipulação eficaz, cujos domínios de poder e autoridade foram firmemente estabelecidos por sua mãe, é um desafio para Jean-Jacques. Afortunadamente, o preceptor tem uma vasta experiência no trabalho com crianças, o que lhe dá a serenidade e os argumentos para enfrentar esse tipo de situação, que pode ser enfrentada com paciência e uma abordagem formativa visando ao desenvolvimento da consciência e da razão (Rousseau, 1995, p. 116). Como diz ele: "Objetareis com os caprichos da criança; e errareis. O capricho da criança não é nunca obra da natureza e sim de uma má disciplina. (...) Mas, direis, como remediar a isso? É possível, com uma conduta melhor e muita paciência (Rousseau, 1995, p. 115-116).

Diante do equilíbrio desse tipo de situação, Jean-Jacques aconselha manter um equilíbrio entre o que pode ser uma necessidade real da criança e o comportamento que nasce da rebeldia e dos pedidos autoritários. É por essa razão que o preceptor convida a fornecer a ele tudo o que possa contribuir para seu crescimento e formação integral, e a ignorar o que ele pede apenas "por fantasia ou para manifestar um gesto de autoridade" (Rousseau, 1995,

p. 73). É necessário, ressalta ele, que na ajuda e no treinamento que podem ser fornecidos à criança, as ações se restrinjam “unicamente ao útil real, nada concedendo à fantasia ou ao desejo sem razão” (Rousseau, 1995, p. 50).

A relação que Jean-Jacques estabelece com o soberbo passeante é regida por esse equilíbrio que busca regular a liberdade individual da criança por meio de conselhos e orientações, estabelecendo limites ao seu comportamento e refletindo sobre os caprichos e vontades que não se encaixam nos processos adequados de socialização. O trabalho de Jean-Jacques, calmo e flexível, reflete uma intervenção formativa que exerce efetivamente a autoridade sem recorrer à imposição rígida, oferecendo a essas vontades indiscretas “obstáculos físicos ou castigos que nasçam das próprias ações” (Rousseau, 1995, p. 69) e permitindo que a consciência e a empatia floresçam a partir de decisões baseadas na razão.

Da mesma forma, o método de Jean-Jacques mostra que, ao vivenciar as consequências de seus atos, a criança aprende a tomar decisões razoáveis e responsáveis, ou seja, seu comportamento consegue superar as dimensões da “fantasia” e do automatismo, deixa de ser “submetido em tudo a uma autoridade sempre docente”, a processos formativos rígidos e pedantes; é por isso que o preceptor se manifesta contra a formação da criança que “nada faz senão a mandado”; e que “dentro em breve não saberá respirar senão de acordo com (as) regras” (Rousseau, 1995, p. 112) e as exigências do governante. Ao transcender esse limiar, as consequências das ações do soberbo passeante tornam-se oportunidades para compreender, mediante reflexão, que toda decisão tem repercussões e que, nesse conjunto de experiências que constituem a aprendizagem, a autoridade e a disciplina são aspectos vitais para promover processos formativos livres, autônomos e conscientes.

Considerado esse contexto, assume-se que a obediência é um aspecto que surge do entendimento mútuo. Não se obedece por medo ou coerção, pelo contrário, obedece-se às ordens porque se entende as razões subjacentes e os efeitos e resultados que surgem das decisões tomadas. No relato, Jean-Jacques, ao tentar regular a tensão gerada pela permissividade da mãe e a rigidez do pai do soberbo passeante, apresenta um conceito de obediência baseado na compreensão, não na submissão cega, pois, em sua opinião, a criança deve obedecer às autoridades que, à luz da razão, explicam a natureza e o procedimento das

ordens dadas, ação que evita a anulação da individualidade e da espontaneidade, e que coloca o processo formativo fora das dimensões da obediência automática, sem critério, e da supressão das ações naturais (Rousseau, 1995, p. 69).

Tiranos inflexíveis e arrogantes, flagelos de infância, marcas emocionais, fardos pesados dos quais é preciso se libertar o mais rápido possível, são elementos e situações que não estão contemplados no projeto formativo de Jean-Jacques, pois, em sua opinião, é preciso criar um ambiente com as condições necessárias para que haja respeito, afeto, reflexão e aprendizado. Para o preceptor, o verdadeiro afeto que deve reger a relação mestre-discípulo surge na medida em que “o aluno não se envergonha de acompanhar na infância o amigo que deverá ter em crescendo” e “o governante toma interesse pelos cuidados cujo fruto deverá colher” (Rousseau, 1995, p. 30). Dessa forma, a obediência forçada não será instaurada, pois o poder e as ações não são orientados para o controle dos outros, mas para o acompanhamento e a compreensão, para a construção de relações mais cooperativas e harmoniosas. A maneira pela qual o preceptor constrói sua prática em situações e experiências destinadas a provocar uma transformação no comportamento e na maneira de pensar do soberbo passeante permite que ele cresça e evolua em liberdade por meio da reflexão sobre suas ações.

Fernando Furioso⁵

Era uma vez um garoto chamado Fernando.

Certa noite, ele quis ficar acordado assistindo um filme de cowboys na TV.

- Não - disse sua mãe - Já é tarde demais. Vá para a cama.

- Eu vou ficar furioso” - disse Fernando.

- Fique furioso - disse sua mãe.

E assim ele fez. Ele ficou furioso. Muito, muito furioso.

Tão furioso que sua fúria se transformou em uma nuvem de tempestade que explodiu com trovões, raios e granizo.

- Já basta - disse sua mãe.

⁵ A primeira edição do livro foi publicada no Reino Unido com o título "Angry Arthur" em 1982. Há uma versão em português intitulada "O Artur está zangado", publicada em 2019 pela Zero a Oito Editora (Lisboa). A edição em espanhol publicada pela Ediciones Ekaré em 2001 é usada para este estudo, disponível em <https://acortar.link/2EOu5s> A tradução para o português é livre.

Mas não foi suficiente.

A fúria de Fernando se transformou em um furacão que arrancou os telhados das casas, as chaminés e a torre da igreja.

- Já basta - disse seu pai.

Mas não foi suficiente.

A fúria de Fernando se transformou em um tufão estrondoso que arrastou vilarejos inteiros e os afundou no mar.

- Já basta - disse seu avô.

Mas não foi suficiente.

A fúria de Fernando se transformou em um tremor terrível que rachou a superfície da terra. CRAAAAC!!!! soou, como um gigante quebrando um ovo.

- Já basta - disse sua avó.

Mas não foi suficiente.

A fúria de Fernando se transformou em um terremoto universal e a Terra e a lua, as estrelas e os planetas, o país, a cidade, a rua e a casa de Fernando, seu jardim e sua cama se transformaram em migalhas no espaço.

Fernando sentou-se em um pedaço de Marte e pensou. Pensou e pensou.

- Por que fiquei tão furioso?

Mas ele não conseguia se lembrar.

E você? Você se lembra? ⁶



Ilustração extraída do livro "Fernando Furioso".
©Sathosi Kitamura, 1982.

Figura 3

⁶ Fernando Furioso

Érase una vez un niño llamado Fernando.

Una noche, quiso quedarse despierto viendo una película de vaqueros en la televisión.

- No -dijo su mamá-. Es muy tarde. Vete a la cama.

- Me pondré furioso, -dijo Fernando.

- Ponte furioso, -dijo su mamá.

Y así fue. Se puso furioso. Muy, mu y furioso.

Tan furioso que su furia se convirtió en una nube tormentosa que explotó con truenos, relámpagos y granizo.

- Ya basta, -dijo su mamá.

Pero no bastó.

La furia de Fernando se convirtió en un huracán que arrancó los techos de las casas, las chimeneas y la torre de la iglesia.

- Ya basta, -dijo su papá.

Pero no bastó.

La furia de Fernando se convirtió en un ululante tifón que arrastró a pueblos enteros y los hundió en el mar.

- Ya basta, dijo su abuelo.

Pero no bastó.

La furia de Fernando se convirtió en un terrible temblor que resquebrajó la superficie de la Tierra.

¡¡¡CRAAAAC!!! sonó, como un gigante rompiendo un huevo.

- Ya basta, -dijo su abuela.

Pero no bastó.

La furia de Fernando se convirtió en un terremoto universal y la Tierra y la luna, las estrellas y los planetas, y el país, el pueblo, la calle y la casa de Fernando, su jardín y su cama quedaron convertidos en migajas en el espacio.

Fernando se sentó en un trozo de Marte y pensó. Pensó y pensó.

- ¿Por qué fue que me puse tan furioso?

Pero no se pudo acordar.

O caso de Fernando Furioso

Imersa no contexto da literatura infantil contemporânea, a realidade de Fernando, um menino que, ao ser contrariado pela mãe, gera uma onda de raiva e fúria que se espalha pelas páginas do livro, provocando terremotos e cataclismos e perturbando a tranquilidade do lar, pode ser acompanhada por meio de imagens e palavras que convidam a explorar os territórios socioemocionais da infância, a dinâmica familiar e os conceitos de autoridade, disciplina e obediência. Sobre isso, diz Rousseau (1995, p. 115): “Um dos primeiros cuidados das crianças é, como o disse, descobrir o ponto fraco dos que as governam. Essa tendência leva à maldade, mas não vem dela: vem da necessidade de elidir uma autoridade que as importuna”.

Por ser um livro-álbum, a obra “Fernando Furioso” é um artefato estético que convoca conjuntamente a carga de significado contida na imagem e na palavra. Nessa estrutura, a história se envolve em um diálogo cuidadosamente equilibrado entre os elementos visuais e textuais, tecendo assim uma construção de significado que intencionalmente deixa de lado as hierarquias convencionais, estabelecendo, em vez disso, uma simbiose harmoniosa entre o texto e os elementos iconográficos (Hanán-Diáz, 2007). Dentro do livro-álbum, a imagem convida o leitor a explorar a página, a examinar cada detalhe minucioso que dá vida e impulso à narrativa. Paralelamente, a palavra caminha ao lado do fluxo de eventos, acrescentando sua contribuição para construir uma linguagem que lança luz sobre as dimensões da experiência estética, levando-a a novas esferas de significado e interpretação.

O potencial da imagem, assim como a fúria de Fernando, se espalha pelas páginas do livro, recriando o desgosto e a perturbação da criança, que nunca pensou que seria contrariada por alguém, já que parece ser costume impor sua vontade às pessoas ao seu redor.

¿Y tú? ¿Te acuerdas?

O branco inicial que cobre o espaço da casa é substituído, durante o desenvolvimento da história, por elementos de diferentes formas e cores, que são arrancados pela onda de fúria de seu lugar habitual e, assim, acrescentados à desordem e ao desconcerto visual que Satoshi Kitamura consegue configurar ao traçar a fúria de Fernando pelo quarto, pelas escadas da casa, pela sala de estar, pelas ruas, pelos parques, pelo oceano, pelo universo...

No plano das palavras, Hiawyn Oram abre uma janela para uma situação cotidiana da vida familiar em que, tarde da noite, uma criança é mandada para a cama para descansar e, ao ver que sua exigência de continuar assistindo à TV não é atendida, ela desenvolve um comportamento exagerado que convoca um a um todos os membros da família (mãe, pai, avô, avó), que tentam em vão parar com um "Já basta" o tumulto gerado dentro de casa. Essa encenação da birra das crianças estabelece uma ligação com o comportamento dos personagens das histórias anteriores (o Menino Quebra-Vidros e o Soberbo passeante) e, assim, devidamente convocado, Jean-Jacques assume esse caso de arrogância e falta de controle.

O primeiro passo do preceptor é reconhecer a natureza desse comportamento, ou seja, descobrir por que Fernando chegou ao ponto de gerar todo um cataclismo pelo fato de receber uma ordem que não quer obedecer. Portanto, Jean-Jacques enfatiza a importância de permitir que "o germe de seu caráter se revele em plena liberdade", sem exercer "nenhuma coerção a fim de melhor vê-lo por inteiro" (Rousseau, 1995, p. 80). Em seguida, ele descreve uma série de situações que agitam a natureza da criança quando o mundo das paixões desperta nela: "Uma mudança de humor, exaltações frequentes, uma contínua agitação do espírito, tornam o menino quase indisciplinável. Faz-se surdo à voz que o tornava dócil; é um leão na sua febre; desconhece seu guia, não quer mais ser governado". (Rousseau, 1995, p. 234). Da mesma forma que o rugido do mar parece anunciar uma revolução impetuosa e avassaladora no horizonte, o comportamento descontrolado de Fernando dá lugar a uma situação que parece intratável devido aos impulsos e às paixões que agitam seu temperamento.

Considerando o exposto, a educação baseada na disciplina se torna vital, pois ensina às crianças a importância de refletir sobre o impulso que envolve seus desejos e paixões. Jean-Jacques menciona que as crianças devem ser auxiliadas de acordo com uma necessidade

real e não apenas atender a seus caprichos (Rousseau, 1995, p. 73), o que implica gerar hábitos que orientem seu comportamento, criar rotinas saudáveis - comer bem e descansar o suficiente são algumas delas (Rousseau, 1995, p. 52, 127), bem como estabelecer diálogos à luz da razão, em que seja possível entender o motivo da disciplina e das ordens que lhes são dadas. No entanto, no caso de Fernando, há apenas um simples e insuficiente: Já basta! por parte de seus familiares, fato que não permite uma reflexão mais profunda sobre o ocorrido, uma ordem que pede o fim imediato do que está acontecendo e que não dialoga com as possibilidades de aprendizado à luz da razão e da compreensão.

Conseqüentemente, no caso da família de Fernando, a autoridade e a obediência são aspectos que estão ligados apenas ao estabelecimento de uma exigência que deve ser cumprida imediatamente, medida que desconsidera a possibilidade de orientar cuidadosamente a criança a cultivar o autocontrole e as virtudes morais, e que acaba por assumi-la como um autômato. O projeto educacional de Jean-Jacques, por sua vez, considera a autoridade e a disciplina como aspectos a serem exercidos de forma justa e esclarecedora, pois dessa forma é possível criar um ambiente favorável ao desenvolvimento da criança, um espaço educacional onde ela possa aprender por meio da experiência direta, compreender as razões por trás da orientação recebida e desenvolver uma postura crítica e um comportamento autônomo.

Três casos e um diálogo comparativo

Non desanimei nem me apressei: a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para ganhá-lo.
Rousseau, 1995, p. 142

Ao ler o Emílio, é possível se deparar com passagens em que Jean-Jacques menciona a maneira pela qual assumiu as mais diversas e desafiadoras situações familiares e temperamentos individuais. No âmbito deste artigo, a imagem do preceptor se configura como uma proposta literária que acompanha o fio condutor teórico, tornando-se uma abstração da obra de Rousseau que dialoga com propostas formativas e literárias

contemporâneas. O preceptor, em seu caderno, registra os casos de crianças que, educadas de forma errônea, “queriam que se derrubasse a casa com um empurrão, que se lhes desse o galo do campanário, que se detivesse um regimento em marcha para ouvirem mais demoradamente os tambores e que berravam alucinadamente” (Rousseau, 1995, p. 72) para que seus pedidos e caprichos fossem obedecidos de imediato. Déspotas e pequenos tiranos compõem esse curioso álbum de experiências formativas, ao qual podemos acrescentar os casos do “Menino Quebra-Vidros”, “O Soberbo Passeante” e “Fernando Furioso”.

Obstinadas em fazer suas próprias vontades, as crianças dos relatos deste estudo apresentam uma série de comportamentos que precisam ser abordados com urgência para tentar promover uma transformação na maneira como elas percebem e se posicionam em seus contextos familiares e sociais. A primeira característica evidente nos três tiraninhos é o uso da liberdade sem motivo, ou seja, eles ainda estão na parte do processo de formação em que têm pouco interesse em saber o motivo das palavras e ações que os incomodam e os limitam. Ao manifestar plenamente a substância que compõe sua natureza, eles refletem exaltações frequentes e uma recusa em ouvir a voz daqueles que os guiam; em cada ação, parecem rugir como leões ferozes determinados a impor o ritmo frenético de suas paixões. Para Jean-Jacques, “essas ideias de dominação e tirania as tornam desgraçadas desde a infância” (Rousseau, 1995, p. 72) e é por isso que a educação desempenha um papel importante nos processos reflexivos que permitem a transformação desse tipo de comportamento.

Como “tudo degenera nas mãos do homem” (Rousseau, 1995, p. 9), a desconfiguração desses processos formativos, que têm como ponto de partida a perspectiva errônea de parentes e governantes incapazes de prever os problemas que são gerados por sua complacência e permissividade, exige uma intervenção para corrigir as ações excitadas desses pequenos ditadores acostumados a fazer o que querem. Por esse motivo, Jean-Jacques sugere, em primeiro lugar, que as crianças sejam colocadas em uma situação de liberdade que permita apreciar a natureza de seu comportamento e, posteriormente, sejam inseridas em experiências e vivências que reflitam o lado prático do acompanhamento que recebem, a construção de ideias relacionadas às suas ações e à sua realidade, bem como o

desenvolvimento de processos reflexivos à luz da razão, que as ajudem a se distanciar de seu amor-próprio, fonte de suas “paixões odientas e irascíveis” (Rousseau, 1995, p. 237).

Analisando os três relatos, é possível perceber como o preceptor permite que cada criança se expresse de acordo com sua natureza, exponha seu temperamento e comunique a ideia do mundo que construiu, bem como as dinâmicas que nele ocorrem. Uma vez que eles manifestam a condição de “tiranos” sacudidos por paixões vertiginosas, Jean-Jacques passa a conceber situações e experiências que, de forma dinâmica e imersiva, lhes permitam compreender as razões da orientação que recebem, bem como desenvolver a consciência, o respeito e a empatia. No caso de Fernando, pode-se observar que a criança viveu em liberdade toda uma experiência de descontrole na qual se reflete a incapacidade de administrar suas emoções. Sua fúria é confrontada apenas com algumas palavras (Já basta!) que parecem aumentar o fogo nas caldeiras de sua nave desenfreada, e então tudo se dissipa, a calma retorna, porém, não há reflexão sobre o que aconteceu, ou seja, após essa birra, Fernando adormece, assim como o Menino Quebra-Vidros, só que quando acorda não se lembra do que fez, ou seja, como a fúria foi gerada e o comportamento que ela desencadeou.

Ao fazer um balanço desse tipo de comportamento, Jean-Jacques ressalta que a criança não deve ser proibida de agir e cometer erros, pois a impotência e a experiência devem estabelecer certos tipos de regras, ao mesmo tempo em que proporcionam aprendizado (Rousseau, 1995, p. 62). Analisar, portanto, a liberdade e a natureza da criança pelo prisma da autoridade, da disciplina e da obediência permite pensar e desenvolver um acompanhamento formativo que se concentre nas necessidades reais e mobilize diretrizes baseadas na reflexão e na compreensão, atendendo, assim, ao verdadeiro objetivo da educação, que não é outro senão o de permitir que as crianças se tornem independentes e racionais, compreendam as razões de suas ações, participem com respeito e consciência dos contextos em que se desenvolvem.

Por outro lado, e entrando no estudo dos aspectos que são semelhantes nas três histórias, podemos enfatizar as situações de aprendizagem que Jean-Jacques organizou previamente para interagir com as crianças, nas quais podemos apreciar a colaboração de outras pessoas, como o criado que se aproxima do quarto do Menino Quebra-Vidros para

reforçar a ideia do cuidado que se deve ter com os móveis da casa; o transeunte que topa com o Soberbo passeante na rua e o leva de volta para casa; o pai do Soberbo passeante que se manifesta de forma contundente sobre o comportamento desrespeitoso e indisciplinado da criança; e uma pessoa misteriosa que parece sugerir ao Menino Quebra-Vidros a possibilidade de fazer um acordo com seu tutor.

Da mesma forma, Jean-Jacques desenvolve ações formativas nas quais se pode ler a importância de exercer a autoridade com sabedoria, a disciplina como um caminho para o aprendizado e a obediência como um conceito nutrido pela liberdade e a empatia, não pelo medo e pela submissão. Entre essas ações está o isolamento das crianças em salas escuras e sem muitos móveis, um espaço projetado para a plena expressão da natureza e do temperamento, bem como para a reflexão ao redor da impotência e da necessidade do diálogo racional e da transformação do comportamento. Esse aspecto reflete a importância que o preceptor dá à serenidade ao interagir com as crianças e suas famílias, pois, independentemente da intensidade das paixões e da negligência do discurso dos pais, Jean-Jacques se mantém imperturbável e oferece o tempo, o cuidado e os conselhos necessários para que seus alunos naveguem com sucesso pelas questões morais e éticas, cultivando o autoconhecimento e transformando a maneira como se comportam em casa e no contexto social. Dessa forma, seu projeto educacional compromete-se a permitir que as crianças se desenvolvam como seres independentes, responsáveis e autônomos⁷.

Considerações finais

*Acostumadas a verem tudo dobrar-se diante de sua vontade,
que surpresa não terão ao entrarem na sociedade e sentirem
que tudo lhes resiste, e se acharem esmagadas pelo peso de
um universo que pensavam movimentar à vontade!*
(Rousseau, 1995, p. 72)

⁷ No contexto da literatura infantojuvenil latino-americana, Francisco Hinojosa revela em seu “Manual para corrigir a niños malcriados” (Ediciones SM, 2012) as técnicas implementadas pelo Dr. Hinojosa para lidar com casos complexos de crianças malcriadas e mesquinhas. O método é mais direto e cru em comparação com o de Jean-Jacques, fornecendo conselhos práticos, e às vezes jocosos, para lidar com problemas comportamentais na criação moderna de filhos.

Este estudo pedagógico-literário oferece uma perspectiva de como a análise de obras literárias pode contribuir para a reflexão e a compreensão de questões fundamentais na educação de crianças, aprimorando a discussão em torno de uma formação prática, gradual e crítica que promova a liberdade, a autonomia e a moralidade na tomada de decisões. Ao longo da análise, procurou-se estabelecer um vínculo dialógico entre a literatura e a pedagogia para abordar a discussão dos processos formativos expostos nos relatos "O Menino Quebra-Vidros", "O Soberbo passeante" e "Fernando Furioso", abordando, a partir de uma perspectiva rousseuniana, os conceitos de autoridade, disciplina e obediência como elementos que orientam uma educação sensível e reflexiva.

Nesse contexto, a autoridade, quando exercida a partir de uma perspectiva formativa, consegue orientar as crianças a utilizar sua liberdade de forma ética, fazendo-as considerar o impacto de suas ações na sociedade. A disciplina assume-se como um conceito que estabelece limites e acordos para uma convivência adequada, promovendo a empatia, o diálogo e a compreensão. Da mesma forma, enfatiza-se a importância da obediência consciente e autônoma, em que o indivíduo opta por obedecer com base em seu discernimento e em busca do bem coletivo. Ao abordar esses conceitos, é importante lembrar que eles devem se basear no amor e na razão, e não na coerção, na intransigência e no medo, o que favorece o estabelecimento de relações de confiança e respeito entre o educador e a criança, bem como diretrizes para o cultivo de virtudes e o acompanhamento adequado. Em concordância com isso, os métodos de intervenção utilizados por Jean-Jacques priorizam a experiência, a observação, a reflexão e o desenvolvimento da autonomia moral, buscando assim cultivar o senso de responsabilidade e a empatia, elementos essenciais para a formação de um indivíduo que seja um ser ético e um cidadão comprometido com sua comunidade.

Ao estudar a natureza e o comportamento das crianças nos relatos com mais profundidade, é possível apontar que há "temperamentos dóceis e tranquilos que podemos levar longe sem perigo para sua inocência primeira; mas os há também violentos cuja ferocidade se desenvolve cedo e que precisamos apressar-nos em deles fazer homens" (Rousseau, 1995, p. 84). Para Jean-Jacques, estes últimos desenvolvem "atitudes insolentes" que "só lhes trazem mortificação, desprezo, zombaria" (Rousseau, 1995, p. 72), e que,

encontrando na norma e na impotência obstáculos intransponíveis, acabam por se tornar "tímidas, rastejantes e tanto mais baixo caem de si mesmas quanto mais alto se tinham erguido." (Rousseau, 1995, p. 72).

É nessas circunstâncias que a educação se torna o "veneno como remédio" (Rousseau, 1995, p. 134) de situações formativas em que se torna necessário reconfigurar o comportamento e as atitudes das crianças com base em práticas educacionais que conseguem extrair do problema sua possível solução. As experiências práticas do mundo sensível são essenciais para que a criança compreenda as regras morais, diferencie o comportamento certo do errado, desenvolva processos de conscientização e autoconhecimento. Dessa forma, a educação compreende um processo de acompanhamento formativo como uma prática de liberdade baseada na problematização e no diálogo, que estimula a reflexão das crianças e sua transformação em sujeitos conscientes inseridos em contextos que as desafiam constantemente.

Referências

HANÁN-DIÁZ, Fanuel. **Leer y mirar el libro álbum: ¿un género en construcción?** Norma, Bogotá, 2007.

ORAM, Hiaawyn & KITAMURA, Sathosi. **Fernando Furioso**. Ediciones Ekaré. Caracas, 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro e São Paulo: Ed. Bertrand Brasil S.A, 1995.